

AS AÇÕES GÍMNICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Profa. Ms. Michele Carbinatto¹
Colégio Salesiano Dom Bosco- Americana/SP
Núcleo de Corporeidade e Pedagogia do Movimento/UNIMEP
Grupo Ginástico Unicamp/ GGU

Historicamente as ginásticas, especialmente a rítmica e artística, tornaram-se desporto que ao mesmo tempo em que encanta as pessoas pela ‘perfeição’ dos movimentos e domínio corporal de seus praticantes, afasta muitas por exigir e demonstrar habilidades corporais que beiram o perigo e quase impossibilidade de sua execução, principalmente quando àqueles são influenciados pela mídia e o alto rendimento. Assim, torna-se primordial que o professor da rede formal de ensino, ao tratar da ginástica a apresente como uma possibilidade de prática condizente com a capacidade e realidade de seus alunos, proporcionando experiências corporais diferenciadas, no sentido de ampliar o repertório de gesto motor e interesse pela modalidade. Propomos a elaboração de aulas de Educação Física Escolar sob a dinâmica das doze ações motoras em ginástica esportiva proposta por Leguet (1987) uníssona à perspectiva lúdica e da GA enquanto atividade possível a todos, salientadas por Nunomura & Nista-Piccolo (2005), Nunomura & Tsukamoto (2006), cujo objetivo é o de estimular a prática e promover o intercâmbio social e esportivo, preocupando-se com o processo da aprendizagem. Neste sentido, essa metodologia desmistifica-a como altamente técnica e competitiva, respeitando as individualidades e potencializando as habilidades e conhecimento corporal de cada aluno/a, sendo que houve a participação de todos os alunos as aulas ministradas com o intuito de ensinar a ginástica, permitindo auto-superação e auto-avaliação sem comparações com padrões do alto nível esportivo.

Introdução

A Ginástica teve sua origem e consolidação no final do século XVIII e início do século XIX concomitantemente aos chamados “Métodos Ginásticos Europeus”, influenciada principalmente pelo método alemão, através de Johann F. L. C. Jahn, que inaugurou o primeiro espaço próprio para a prática da ginástica, e de onde surge os primeiros aparelhos da área. A expansão e prática então deu-se principalmente na Europa Oriental, destacando países como Romênia, Polônia e Alemanha Oriental. No Brasil, essa modalidade tornou-se conhecida primeiramente na região sul, na segunda década do século XIX, com os imigrantes alemães que lá se instalavam, praticando-a como lazer.

No Brasil, os atuais destaques da seleção feminina e masculina de ginástica artística em campeonatos mundiais e olimpíadas, bem como a da ginástica rítmica nos jogos pan-americanos atentou a mídia por este desporto, aumentando o interesse dos alunos pela prática. Destacamos, porém que apesar de pontos positivos, vemos que essa modalidade tem sido apresentada como técnica, competitiva, com acrobacias impressionantes, dando a impressão de que é uma modalidade para poucos praticantes, ou seja, elitista e seletiva (Nunomura, Nista-Piccolo 2005).

Assim, este estudo foi realizado a partir do entendimento das ações gímnicas corroborando com Nunomura & Tsukamoto, no qual “o objetivo é ampliar o repertório motor,

¹ Recurso a ser utilizado para mesa temática: datashow.

explorar as possibilidades no ambiente ginástico, e enfatizar aspectos gerais de formação e desenvolvimento”(2006, p. 356).

Entendendo as Ações Gímnicas

Um dos maiores representantes da prática de ginástica de forma pedagógica e ampla é Jacques Leguet (1987). O autor separa em diferentes categorias o ensino de atividades gímnicas principais existentes nesta modalidade, como: saltar (sair com os dois pés do chão), aterrissar, equilibrar-se (chegar com os dois pés, ou com apenas um, e ficar de pé sem cair), girar sobre si mesmo (rolar no chão de frente ou de costas), balançar em suspensão (balançar com os dois pés fora do chão), passar pelo apoio invertido (duas mãos no chão pernas para o alto), passar pela suspensão invertida (inverte-se de posição), deslocar-se bipedicamente (corrida), equilibrar-se em apenas um dos pés, passagem pelo solo (ou trave) de um lado para o outro, abertura ou fechamento de pernas ou de tronco e volteio (voltar para a posição invertida), lembra, porém que há combinações entre elas.

O Ensino das Ações Gímnicas no Ensino Fundamental I

Quando nos reportamos ao ensino da ginástica na escola, cremos na possibilidade de realizá-la com o “objetivo de consolidar os fundamentos básicos que permitam evoluir para as habilidades específicas em geral” (Nunomura & Tsukamoto, 2006, p. 366). Quanto mais chances a criança tiver para experimentar novas possibilidades de movimento, mais rico será o seu vocabulário motor e ainda, “para cada exercício a ser aprendido, deve haver amplas oportunidades de criação, gerando curiosidade inicial e manutenção do interesse naquela proposta durante todo o tempo em que se está trabalhando com aquele tema.” (Nunomura, Nista-Piccolo, 2005 p.34).

Corroborando com Leguet (1987, p. 02), nossa metodologia deverá perpassar ainda as múltiplas dimensões da atividade gímica e sua contribuição à realização da ação: Criar-procurar novas possibilidades de ação; fazer de outra forma, escolher, personalizar, ser original; Mostrar-produzir uma obra bela, difícil, original, que será visto e apreciado; Ajudar-contribuir para o sucesso dos outros: aconselhar, proteger, dar confiança, cooperar; Avaliar-apreciar como espectador, observador, comentador, conhecer os critérios, não se enganar; Organizar- responsabilizar-se por um grupo, pelo júri, pelo material, organizar, ajustar, ser responsável; Agir-entrar em ação, abordar o risco, procurar fazer cada vez mais difícil e cada vez melhor.

Uma das atividades que podemos exemplificar diz respeito ao girar sobre si mesmo para trás. Dividimos o grupo de alunos em grupos de três, cada qual com o seu colchão. Um deles deverá ficar de costas para o colchão e deve manter as mãos perto das orelhas com a palma das mãos para cima. Os outros dois amigos estarão segurando as duas pontas do colchão localizado próximo ao amigo que se prepara para executar seu giro. Ao sinal, ambos levantam o colchão facilitando e permitindo o girar sobre si mesmo para trás. Àqueles que já obtiveram sucesso sugere-se desafios como terminar o exercício em pé, com as pernas afastadas, dentre outros. Após vivência, sugere-se que os alunos explorem o espaço com formas de girar sobre mesmo, observando onde/ como se torna mais fácil ou difícil realiza-la.

Também podemos fazer uso de materiais não-tradicionais² do ensino da Educação Física para o trato com as ações gímnicas. O uso de pneus é um deles. Primeiramente realizamos a exploração do mesmo individualmente, depois em duplas, trios e grupos de 6.

² Seguindo Ayoub, 2003, p. 115, “a opção pela denominação “não-tradicional” ao invés de materiais alternativos deve-se ao fato do termo ‘alternativo’ estar geralmente associado à idéia de improvisação, de ‘tapa-buraco’, de que ‘qualquer coisa serve’, especialmente quando se trata da escola pública”. Porém destacamos que o professor deve continuar “mostrando a importância e necessidade do material tradicional e lutando por sua aquisição” (98).

Observamos a manifestação de situação de equilíbrios, giros sobre si mesmo, apoios invertidos, circundação de braços com o mesmo, poses acrobáticas, troca de materiais pelo solo, manifestações estas interconectadas com a criação, apresentação para a classe, superação e ajuda mútua entre eles.

Considerações Finais

Este estudo foi idealizado para uma melhor compreensão e entendimento de uma das possibilidades em organizar as aulas de ginástica na Educação Física do Ensino Fundamental utilizando como estratégia pedagógica as ações motoras proposta por Leguet, não enfatizando a competição, mas sim uma vivência para todos os alunos, criando um conjunto único de experiências com as quais a criança irá formar seu modo de relação com o meio, respeitando as individualidades e potencializando as habilidades e conhecimento corporal de cada aluno/a.

Referencias Bibliográficas

- AYOUB, E. Ginástica Geral e Educação Física Escolar. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.
- LEGUET, J. As ações motoras em ginástica esportiva. São Paulo-SP: Editora Manole, 1987.
- NUNOMURA, M. e NISTA-PICCOLO, V.L. Compreendendo a Ginástica Artística. São Paulo-SP: Phorte, 2005.
- NUNOMURA, M. e TSUKAMOTO, Mariana. Análise e Ensino da Ginástica Olímpica. In, BENTO, Jorge Olímpico et all. Pedagogia do Desporto, Guanabara Koogan, 2006.